

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão do tema central da filosofia de Simone Weil (1909–1943): a atenção. No cerne de sua reflexão filosófica e de sua prática de vida, o conceito de atenção (*l'attention*) desponta como o eixo organizador de seu olhar sobre o mundo, transcendendo a mera concentração técnica para alcançar dimensões metafísicas, epistemológicas e éticas. A análise do conceito de atenção na obra de Weil terá especial enfoque no ensaio “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do amor de Deus”, investigando como essa categoria opera como uma virtude ética e um antídoto contra a desumanização e o esvaziamento da alma. A partir de uma abordagem exploratória e analítica de cunho bibliográfico, examina-se a etimologia do termo a partir da análise de Mary G. Dietz, correlacionando o termo francês da atenção (*l'attention*) e espera (*attente*), além de investigar a articulação conceitual entre a atenção e a categoria de *Malheur* (infortúnio). A atenção em Weil é um “esforço negativo” e passivo que não prescinde da vontade, mas consiste em suspender o pensamento para deixá-lo vazio, imóvel e penetrável pelo objeto em sua verdade nua.

Palavras-chave: Simone Weil. Atenção. Infortúnio (Malheur).

Attention: an antidote to dehumanization in the thought of Simone Weil

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the central theme of Simone Weil's (1909–1943) philosophy: attention. At the core of her philosophical reflection and life practice, the concept of "attention" (*l'attention*) emerges as the organizing axis of her worldview, transcending mere technical concentration to reach metaphysical, epistemological, and ethical dimensions. The analysis of the concept of attention in Weil's work will focus particularly on the essay “Reflections on the Right Use of School Studies with a View to the Love of God,” investigating how this category operates as an ethical virtue and an antidote to dehumanization and the emptying of the soul. Drawing from a bibliographical, exploratory, and analytical approach, this study examines the etymology of the term based on Mary G. Dietz's analysis, correlating the French words for attention (*l'attention*) and waiting (*attente*), while also investigating the conceptual articulation between attention and the category of *Malheur* (affliction). *Attention* in Weil is a passive and "negative effort" that does not dispense with the will, but rather consists of suspending thought to leave it empty, motionless, and open to being penetrated by the object in its naked truth.

Keywords: Simone Weil. Attention. Affliction (Malheur).

Introdução

Simone Weil (1909–1934) tem despertado grande interesse na pesquisa acadêmica nos últimos anos. Alguns são despertados pela sua filosofia, outros por sua crítica social e política e outros ainda pela dimensão espiritual dos seus textos. Há também quem se aproxime de sua obra por causa de sua vida radical e inquieta. Mas, quando adentramos no coração de sua reflexão, percebemos logo que há uma palavra que organiza grande parte de seu olhar sobre o mundo: a *atenção*. Esse termo pode parecer simples à primeira vista. No uso comum, a *atenção* costuma significar voltar-se para algo correspondente, vigilância ou concentração. No entanto, lançar o olhar para a *atenção* no pensamento de Simone Weil se torna um desafio, já que envolve questões metafísicas e epistemológicas. A *atenção*, para a filósofa, não é uma técnica neutra, envolve o conhecimento, a ética, a política, a vida espiritual, a espera.

Embora presente desde os primeiros escritos, a *atenção* (*l'attention*) atingiu uma significativa expressão teórica em seu ensaio “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do amor de Deus”¹. Descreve a atenção como um “esforço negativo” que implica em suspender o pensamento, deixando-o disponível e pronto para ser penetrado pelo objeto (2019, p. 81). A *atenção* não é dirigida pela vontade, mas por um tipo particular de desejo sem objeto. “Ou, mais exatamente, ao consentimento” (2025, p. 193).

A atenção requer um esvaziamento de si, um desapego do “eu” para combater o “mal” interior e renunciar ao egoísmo consumista que inviabiliza uma ética impessoal indispensável para a identificação do *malheureux* (infeliz). Diferente do sofrimento físico comum, o infortúnio é uma violência estrutural e sistêmica que provoca o desenraizamento e a mutilação irreversível da alma de forma análoga à escravidão. Como o infeliz necessita essencialmente de seres capazes de prestar-lhe atenção, tal ato revela-se como algo difícil que exige um olhar atento e despojado de si. No texto a seguir, vamos apresentar a prática da atenção, a “forma mais pura de generosidade e de amor” e como opera uma transformação interior que descentraliza o “eu” para acolher a realidade do outro, funcionando como um elo ético-político e humanizador

¹ Ensaio enviado ao Padre Joseph-Marie Perrin, em 16 de abril de 1942. Disponível em *Espera de Deus* (Weil, 2019, p. 75).

capaz de restituir a dignidade e reconhecer a existência dos sujeitos esmagados pelo infortúnio e pela invisibilidade social.

Simone Weil: uma vida feita de atenção

A confluência entre a vida e o pensamento de Simone Weil é impressionante. Qualquer pessoa que se aventure a estudar Weil, importante filósofa francesa do século XX, aclamada por Albert Camus, admirador do seu pensamento, como “o único grande espírito do nosso tempo” deve ater-se em sua biografia. Sua obra não pode ser reduzida a sua vida, mas sua vida fornece pistas significativas para compreender a originalidade do seu pensamento. Grande parte dos seus escritos se completa e se compreende a partir de sua vida.

Weil foi ao mesmo tempo, professora, operária, militante política, pensadora social e considerada mística por alguns estudiosos. Traçar seu perfil, portanto, talvez seja uma tarefa “desesperada” como afirma sua amiga e biógrafa Simone Pétrement² (1997, p. 11), não somente pelo fato de ter sido muitas coisas, mas por seu pensamento marcante, único e radical, e pela sua insistente confluência entre vida e reflexão filosófica. Para a pensadora “não há relação filosófica sem uma transformação essencial na sensibilidade e na prática da vida” (1957, p. 20).

A condição dramática do período de sua existência marca a sua filosofia: ascensão de regimes totalitários, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial.

Simone Weil nasceu em Paris, em 3 de fevereiro de 1909. Não recebeu educação religiosa, conforme escreve: “Fui criada por meus pais e meu irmão em completo agnosticismo” (2019, p. 65). Um dos traços dominantes de sua infância foi um amor compassivo pelos desafortunados: ela tinha cerca de cinco anos quando a guerra de 1914 e o apadrinhamento de um soldado a introduziram na pobreza. Ela se propôs a renunciar o açúcar para enviar tudo aos que sofriam na frente de batalha (Petrement, 1997, p. 31). A compaixão, foi sem dúvida, um dos traços dominantes de sua vida.

² A obra de Simone Pétrement *La vie de Simone Weil* oferece um conhecimento detalhado da vida e obra de Weil. Para esse texto fazemos referência na sua edição espanhola: *Vida de Simone Weil*. Madrid: Trotta, 1997.

Weil abordou questões que foram para além do seu tempo e sentia-se livre para questionar termos como “verdade”, “justiça”, “belo”, “alma”, “sofrimento”, “mundo”, “sagrado”, “pessoa” e “Deus”. De fato, a lista de temas parece interminável. Essa pluralidade, ou melhor, a complexidade dos seus escritos deve-se principalmente a sua incessante busca pela verdade, buscada ao longo de sua vida. Desejava encontrar a verdade em todos os domínios que lhe eram importantes e tentava constantemente incorporá-la em sua vida, assim como em sua filosofia. Chega a afirmar que “preferia morrer a viver sem ela [a verdade]” (2019, p. 35). A verdade, somente pode ser alcançada se “fizer perpetuamente um esforço de atenção”, escreve Weil (2019, p. 36).

Foi influenciada pela filosofia de Alain (Émile-Auguste Chartier) e pelo seu método pedagógico de leitura direta dos textos filosóficos, das tragédias gregas e das grandes obras da literatura clássica. Recebeu de Alain o incentivo para ser fiel a si própria, a ordenar os seus pensamentos através da escrita e a investigar sempre, deixando aberto o espaço para o confronto e a dúvida. Recebeu influência também de Platão, Descartes, Kant e Marx e das obras fundadoras da tradição oriental (*Livro Egípcio dos Mortos*, Bhagavad Gîta, Tao te King). Diferente de muitos filósofos que procuraram defender teorias e estabelecer proposições sistemáticas, as obras de Weil são “fragmentadas e assistemáticas” (Estelrich, 2019), não têm a preocupação de apresentar um conteúdo ordenado e teórico no plano filosófico, mas de pensar a realidade. Cabe ao intérprete de seu pensamento tentar reunir, através dos textos que tratam dos problemas mais diversos, os temas filosóficos que neles estão incluídos.

Em 1934 abdica da sua carreira de professora e vai trabalhar como operária nas fábricas de Alshton e Renault, em Paris. Essas experiências foram as mais marcantes de sua vida, conforme relata: “O que vivi lá me marcou de um modo tão perene”; e de compreensão do sofrimento humano: “Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios, entre a massa humana, a desventura dos outros penetrou na minha carne e na minha alma” (Weil, 2019, p. 38).

Participou das lutas sindicais, ministrou cursos educacionais para os trabalhadores em St-Etienne, foi professora de filosofia em escolas públicas de nível médio em Puy, Auxerre, Roanne, Bourges, San Quentin. Ao longo da metade da década de 1930 e início da década de 1940, continuou a se sintonizar com aqueles que ela considerava mais esmagados pela violência e opressão insanas de sua

época. Em 1936, viajou para a Espanha para lutar na Guerra Civil Espanhola, ao lado dos republicanos, junto à coluna Durruti, no intuito de combater o fascismo. Essa experiência a sintonizou profundamente com os esmagados pela violência brutal da força. Em 1941, conhece os dominicanos de Marselha, torna-se muito próxima do Padre Joseph-Marie Perrin, o qual manteve diálogos relatando suas experiências espirituais³, e o filósofo católico Gustave Thibon. Em 1942, embarca para Nova York com os seus pais, para se proteger da guerra, segue depois para Londres, onde se junta à Resistência Francesa. Morre em 24 de agosto de 1943, aos 34 anos.

Atenção (*l'attention*)

A *atenção*, já mencionada anteriormente, é um tema central na filosofia de Weil. O que ela quer dizer particularmente com essa expressão? Para ela, a princípio, a *atenção* não se limita a manter os músculos tensionados ou a realizar um prolongado trabalho de concentração. Trata-se de um conceito original do seu pensamento e atinge diferentes níveis, desde o discursivo, o intuitivo, até um nível superior, que é o da oração. Dessa forma, a *atenção* pode ser estudada sob diferentes perspectivas.

Mary G. Dietz (1988, p. 97) afirma que “a *atenção* assume várias dimensões ou níveis de aplicabilidade em seus escritos” e possui uma série de características predominantes: é contemplativa sem ser autoconsciente, uma espera em vez de uma busca, uma abertura a iluminação divina, um certo tipo de silêncio, uma vontade de não querer.

Dietz alerta para um olhar detalhado na etimologia da palavra *atenção* e os limites da sua tradução. A autora evidencia que a raiz da palavra francesa *atenção* (*l'attention*) vem do latim *ad tendere*, que significa “estender-se em direção a” ou “prestar atenção a uma pessoa, um evento ou uma coisa”. Há, portanto, uma ideia de “preparação” ou concentração mental, bem como o ato de observação. Ressalta ainda que há outra dimensão da atenção, no francês, *attendre*, que significa “esperar por” ou “esperar”. O francês deixa mais clara a conexão entre atenção (*l'attention*) e espera

³ Em sua “autobiografia espiritual” direcionada ao padre Perrin, relata três experiências vividas nos anos 1935 (Portugal), 1937 (Itália) e 1938 (França) que marcaram profundamente sua existência. Seu olhar sobre o mundo recebe uma decisiva conotação sobrenatural a partir dessas experiências místicas. A “autobiografia espiritual” está disponível na obra *Espera de Deus* (Weil, 2019, p. 33-58).

(*attente*). A atenção, nessa perspectiva, seria uma abertura ao mundo, uma prontidão ao que está “fora”, sem expectativa do que se encontrará (1988, p. 97).

Roberto Esposito, na tentativa de correlacionar “atenção” e “espera”, sem trair a intenção weiliana, afirma que a atenção é o “lado ativo da espera” (Esposito, 2019, p. 220)

Segundo Dietz, a etimologia, porém, conduz para uma compreensão parcial sobre o que Weil quer dizer sobre a *atenção*. Um caminho possível para uma compreensão lógica sobre a *atenção* é o estudo exploratório do ensaio “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do amor de Deus” em que Weil aborda o tema da atenção de forma sistemática. Ela escreve:

A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto, em manter em si mesmo, próximo ao pensamento, mas em um nível inferior e sem contato com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que somos forçados a utilizar. Para todas as ideias particulares e já formadas, o pensamento deve ser como um homem sobre uma montanha que, olhando para frente, percebe ao mesmo tempo sob ele, mas sem olhar diretamente, muitas florestas e planícies. E, sobretudo, o pensamento deve estar vazio, na expectativa; ele nada deve buscar, mas deve estar vazio pronto para receber na sua verdade nua o objeto que vai penetrá-lo (2019, p. 81).

A partir dessa descrição, parece que a atenção se compreende em um estado que combine em um único ato: espera (*attente*), vazio (*vide*), atenção (*attention*), desapego (*disponible*) e imobilidade (*immobilité*). Weil volta muitas vezes a esse ponto da imobilidade, já que se trata de um comportamento que “não se assemelha a nenhuma atividade” (2019, p. 162), a não ser com uma atividade passiva.

A *atenção* weiliana abdica do domínio, do êxito e da preocupação com soluções apressadas para “contemplar atentamente e lentamente” os fenômenos que se apresentam:

Caso busquemos com verdadeira atenção a solução de um problema de geometria e se, ao final de uma hora não tivermos avançado mais do que no início, de todo modo nós teremos avançado durante cada minuto dessa hora em uma outra dimensão mais misteriosa (Weil, 2019, p. 76).

A *atenção*, ela sugere, é um “esforço negativo” no qual “não comporta o cansaço”, para permitir que nossos sentidos e energias mentais sejam absorvidos e direcionados pelos fenômenos aos quais estamos atentos (Weil, 2019, p. 80). É

também uma forma de combater o “mal” profundamente enraizado em nós que resiste à *atenção* sincera para estarmos “prontos para receber [o fenômeno que se apresenta] na sua verdade nua” (Weil, 2019, p. 81). Ela escreve:

Há algo em nossa alma que sente repugnância à verdadeira atenção de maneira muito mais violenta do que a carne sente repugnância ao cansaço. Essa alguma coisa está muito mais próxima do mal do que a carne. É por isso que todas às vezes em que realmente prestamos atenção destruímos o mal em nós. Se prestarmos atenção com essa intenção, quinze minutos de atenção terão valor de muitas boas ações (2018, p. 81).

Na *atenção*, renuncia-se o “eu” para receber o mundo sem interferências de uma perspectiva limitada, idolátrica e consumista. Esse desapego do “eu” permite uma ética impessoal. A *atenção* se volta para Deus (vivenciado como um desejo pelo Bem) e para os infelizes. Somente a alma despojada e esvaziada é capaz de receber em si o que ela observa tal qual o fenômeno se apresenta, em toda a sua verdade. “Apenas aquele que é capaz de atenção é capaz de fazer isso” (Weil, 2019, p. 84).

A parábola bíblica do Bom Samaritano, relatada no Evangelho de Lucas, é a história exemplar da *atenção* para Weil, na qual, em sua leitura, a compaixão é tocada quando um indivíduo “volta sua atenção para” um anônimo e aflito. Tal gesto se “trata de uma atenção real” (2019, p. 118).

A prática da atenção nos aproxima da verdade, mesmo que não se perceba isso imediatamente. Buscar e desejar a verdade é primordial para Weil, já mencionado neste texto. Para a filósofa, a verdade não é apenas adequação lógica entre pensamento e realidade. Ela possui uma dimensão existencial e espiritual. A verdade se revela àquele que permanece atento ao real, ao sofrimento humano e à presença de Deus. Por isso, a atenção é frequentemente descrita como a “forma mais pura de generosidade” (Weil, 2025, p. 192) e de amor.

A pretensão de Weil com o conceito de *atenção* é que favoreça uma transformação interior do “eu” e um compromisso com o exterior, já que conduz a sair de si mesmo, a renunciar ao próprio egoísmo para orientar o olhar para a realidade. Deve-se estar atento às projeções egoístas dos desejos que resultam em não olhar e não ouvir o sofrimento e as necessidades dos outros. A *atenção* ao real é primordial para que as pessoas se apercebam da presença do sofrimento humano.

Atenção ao *malheureux*⁴

Segundo Weil, o que os *malheureux* mais necessitam é de *atenção* “Os infelizes não precisam de outra coisa neste mundo do que de seres humanos capazes de prestar atenção neles” (Weil, 2019, p. 84).

A filósofa empregou, por primeira vez, a concepção de *Malheur* para descrever sua experiência, que também viveu na própria carne, quando padecia na fábrica. Relata que “a desventura dos outros penetrou na minha carne e na minha alma”. Tal experiência a marcou para sempre e a fez compreender de maneira diferente o sofrimento humano. É válido ressaltar que Weil conceitua o *malheur* diferente de um simples sofrimento. O “*malheur* é inseparável do sofrimento físico e, no entanto, completamente distinto”. Ressalta ainda que “Ele [*malheur*] toma conta da alma e a fere, até seu âmago, com uma marca que só pertence a ele, a marca da escravidão” (Weil, 2019, p. 87).

O infortúnio (*malheur*) é o resultado do que poderíamos chamar de violência estrutural e sistêmica, quando seu efeito é uma mutilação da alma que a vivencia. Ao contrário do sofrimento físico, que pode desaparecer, no infortúnio a alma não encontra saída, porque realiza uma degradação do sentido de sua própria existência.

Para que o infeliz seja notado pelos outros, é preciso uma qualidade de olhar para distingui-lo e um amor puro para não o evitar. Somente a “atenção pura” é capaz de fazer isso. Weil dirá: Qual homem será capaz de discerni-los se o próprio Cristo não olhar através dos seus olhos? (Weil, 2020, p. 67). Evidencia que não é fácil prestar a *atenção* a um infeliz “é algo raro, muito difícil; é quase um milagre; é um milagre” (Weil, 2019, p. 84). Ressalta ainda que mesmo aqueles que pensam ter a capacidade para notar um infeliz, não a possuem. Para isso não basta um impulso do coração e de piedade. É preciso ser capaz de perguntar: “Qual é o seu tormento?” (Weil, 2020, p. 84). É preciso tomar consciência da existência do infeliz como ser humano e lançar “um certo olhar” sobre ele. Esse olhar é um olhar de *atenção* onde a “alma se esvazia de seu conteúdo para receber em si o que ela observa tal qual ele é, em toda a sua verdade” (Weil, 2020, p. 84).

⁴ *Malheureux*, derivação do termo *Malheur* (infortúnio), trata-se de uma categoria significativa no pensamento de Simone Weil. Pode ser traduzido por “desafortunado” ou “infeliz”. Utilizaremos “infeliz” e “infortúnio” para designar esse estado.

Direcionar o olhar ao infeliz é um ato pleno de amor ao próximo, sem outra finalidade ou interesse pessoal, pelo qual de alguma forma se reconhece a existência do que parece estar privado pela carência de *atenção* com que se enfrenta cotidianamente. É saber que o infeliz existe.

De fato, o infortúnio foi uma das questões que mais perturbou Weil. Segundo Weil, o infortúnio marca o homem de maneira irreversível, provocando um “desenraizamento da vida” atingindo o ser em sua totalidade, estendendo-se ao físico, à psicologia e ao social (2020, p. 68). Ao mesmo tempo específico e irreduzível, o infortúnio indica a marca da escravidão e, da mesma forma, do anonimato. Uma frase que os Antigos gostavam de repetir explica seu sentido exato: “Um homem perde metade de sua alma no dia em que se torna escravo” (Weil, 2020, p. 67). Essa perda de uma parte da alma significa arrancar o homem do homem; é uma condição que não lhe permite agir livremente; e tem a capacidade real de uma “morte da alma” mesmo que sua corporalidade continue viva, implicando uma degradação física, psicológica e social.

Considerações finais

A correlação entre a *atenção* e o infortúnio (*malheur*) evidencia o caráter profundamente humanizador da filosofia weiliana. Em um mundo estruturado por violências sistêmicas que aniquilam e desenraizam a alma dos vulneráveis, a “atenção é a forma mais pura de generosidade”. Ao esvaziar-se de si e direcionar um olhar desinteressado ao *malheureux*, a *atenção* devolve a existência àqueles que foram privados de sua dignidade, da carência da própria *atenção*, e reduzidos ao anonimato.

Weil oferece uma reflexão original e profunda sobre a condição humana e o sofrimento, mesmo que não ofereça uma resposta a questão do sofrimento. A análise apresentada neste artigo demonstra que a *atenção* (*l'attention*) opera simultaneamente como uma teoria do conhecimento e como uma postura eminentemente ética e política frente ao mundo. Longe de ser uma técnica neutra conduzida pela vontade, a atenção em Weil exige a suspensão ativa do pensamento e o consentimento para o esvaziamento de si. Esse estado de passividade e imobilidade é o que permite ao indivíduo destruir o mal enraizado em sua própria alma, desarmando a perspectiva consumista e egocêntrica que deforma a percepção do

real. Somente a partir desse despojamento radical torna-se viável a emergência de uma ética impessoal, cuja manifestação se dá no encontro com o *malheureux*.

O infortúnio, conforme conceituado pela autora a partir de sua própria vivência operária, é uma marca de escravidão que realiza a mutilação e a morte da alma em vida. Diante dessa violência estrutural e do esmagamento da subjetividade, a “atenção pura” é capaz de discernir a verdade nua do outro e validar sua existência oculta sob o manto do sofrimento e do isolamento social.

A prática da atenção na perspectiva weiliana transcende o plano discursivo para se consolidar como uma *práxis* transformadora. Em uma sociedade frequentemente marcada pela pressa e pela invisibilização dos marginalizados, o imperativo ético de Weil permanece profundamente atual, instando a filosofia a sair de si mesma para formular a pergunta que resgata a dignidade humana: “Qual é o seu tormento?”.

Em última análise, o pensamento Weil nos convida a compreender a atenção como a expressão mais radical de amor ao próximo e de generosidade, estabelecendo-se como um antídoto indispensável contra as forças desumanizadoras da modernidade.

Referências

ESPOSITO, Roberto. **Categorias do impolítico**. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DIETZ, Mary. **Between the Human and the Divine**: The Political Thought of Simone Weil. New York: Rowman & Littlefield, 1988

ESTELRICH, Bartolomeu. Filosofia como exercício espiritual: Simone Weil e Pierre Hadot. In: BINGEMER, Maria Clara Luchetti (Org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Paulinas, 2009. p. 39-57.

PÈTREMMENT, Simone. **Vida de Simone Weil**. Madrid: Trotta 1997.

WEIL, Simone. **Écrits de Londres et dernières lettres**. Paris: Gallimard, 1957.

WEIL, Simone. **Espera de Deus**. Tradução de Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019.

WEIL, Simone. **O peso e a graça**. Tradução de Leda Cartum. São Paulo: Penguin; Companhia das letras, 2025.

WEIL, Simone. **Pensamentos desordenados acerca do amor a Deus**. Petrópolis: Vozes, 2019.

Recebido: 01/06/2026

Aprovado: 01/09/2026